

Língua Gestual de São Tomé e Príncipe: retrato dos primeiros gestos¹

Ana Mineiro

amineiro@ics.lisboa.ucp.pt

*Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa
Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS) (UCP)*

Patrícia Carmo

paticarmo@gmail.com

*Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa
Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS) (UCP)*

ABSTRACT: This paper aims to portray the genesis of São Tomé and Príncipe Sign Language. At the request of the Government of São Tomé and Príncipe (Ministry of Education, Culture and Science, Cell Special Education), the Portuguese Catholic University together with the Marquês of Valle Flôr Institute and Hospital CUF Infante Santo collaborated on a common project: to implement a Sign Language for the deaf Santomean. This project, funded by the Calouste Gulbenkian Foundation, was given the name of *Without Barriers*. The paper is structured in two parts: the first part, which describes, in summary, the main lines of action of the project, the participants enrolled in the project and the methodology used and the second part that analyzes the emergence of the first signs, using sometimes, comparison with other emerging languages.

KEY-WORDS: First Signs of an emergent sign language; São Tomé and Príncipe Sign Language; Universal trends in emergent sign languages.

RESUMO: Neste artigo pretende-se retratar a génese da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe. A pedido do Governo de São Tomé e Príncipe (Ministério da Educação, Cultura e Ciência, Célula do Ensino Especial), a Universidade Católica Portuguesa, o Instituto Marquês de Valle Flôr e o Hospital Cuf Infante Santo colaboraram num projeto comum: implementar uma Língua Gestual para os surdos santomenses. A este projeto, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, deu-se o nome de *Projeto Sem Barreiras*. O artigo encontra-se estruturado em duas partes: uma primeira parte, em que se descreve, de forma resumida, as principais linhas de ação do projeto, os participantes e a metodologia utilizada; e uma segunda parte em que

¹ Agradecemos calorosamente aos revisores anónimos das versões anteriores deste artigo pois, sem dúvida, contribuíram decisivamente para uma enorme melhoria deste artigo, assim como proporcionaram às autoras a possibilidade de refletir mais aprofundadamente sobre os tópicos abordados.

se analisa a emergência dos primeiros gestos, recorrendo, pontualmente, à comparação com o sucedido em outras línguas emergentes.

PALAVRAS-CHAVE: Primeiros gestos de uma Língua Gestual Emergente; Língua Gestual de São Tomé e Príncipe; tendências universais nas línguas emergentes.

1. Notas introdutórias

Assistir ao nascimento de uma língua é um privilégio raro e fascinante para qualquer linguista, sobretudo quando está em causa promover as estruturas que conduzirão à emergência de uma língua para quem, por ser surdo e viver de forma isolada, não a tem. Tivemos esse privilégio em São Tomé e Príncipe e este artigo retratará as bases da génese desta nova língua.

São Tomé e Príncipe tem cerca de 187 000 habitantes (dados do último Census) e 5000 destes nasceram surdos ou desenvolveram surdez. O desenvolvimento socioeconómico é muito lento e esta nação vive, maioritariamente, graças à ajuda externa para o desenvolvimento (99%). A saúde – a nível dos cuidados primários e das especialidades – é garantida através da cooperação para o desenvolvimento e foi no seio das missões de especialidade que a equipa de otorrinolaringologia descobriu a prevalência da surdez.

Tendo em conta a impossibilidade médica de realizar implantes cocleares em São Tomé e Príncipe, por motivos técnicos (falta de técnicos especializados para assegurar a reabilitação auditiva pós-implante) e financeiros (ausência de financiamento que permita realizar esta cirurgia e subsequente acompanhamento de reabilitação auditiva pós-cirúrgica), as missões de especialidade da CUF Infante Santo, organizadas pela ONG Instituto Marquês de Valle Flôr, em conjunto com o governo de São Tomé e Príncipe (Célula de Ensino Especial), pediram formalmente à Universidade Católica Portuguesa apoio no sentido de ajudar a promover as bases para que emergisse uma língua gestual para as crianças surdas, tendo em conta que as mesmas se encontravam sistematicamente rejeitadas pela escola por motivo de os seus professores não conseguirem interagir linguisticamente com as crianças e vice-versa. Estas crianças, adolescentes e jovens, quase adultos, vivem num ambiente de isolamento social, sem conviverem entre surdos. Não existia, à data do início do projeto, nenhum conhecimento entre os vários surdos, nem tampouco existe em São Tomé e Príncipe nenhuma associação de surdos.

As famílias comunicavam com os seus parentes surdos através de alguns gestos pactuados entre si, reduzindo assim as interações comunicativas a alguns gestos úteis para o quotidiano.

É importante referir que a interação social é um fator crucial para que exista uma língua. O facto de os seres humanos estarem biologicamente programados para a linguagem não significa que adquiram uma língua ou “ativem” a competência para a linguagem se não estiverem em contacto com outros seres humanos com os quais partilhem a mesma modalidade linguística (oral ou gestual). Os gestos caseiros pactuados para um tipo de comunicação necessária para as interações básicas não conduzem ao desenvolvimento de uma língua. Como referem Meier, Sandler, Padden & Aronoff (2010), apenas as interações sociais variadas e frequentes entre os utilizadores de uma modalidade linguística podem levar ao desenvolvimento de uma língua cuja complexidade estrutural irá crescer com o tempo.

2. Desenho de um projeto: objetivos, amostra, calendarização e tipologia das atividades e métodos

2.1. Objetivos

Em 2012-2013, foi desenhado o projeto *Sem Barreiras* – projeto que partiu da vontade e da necessidade expressas pelo Governo de São Tomé e Príncipe – que, em parceria entre a ONG Marquês de Valle-Flôr, o Hospital Cuf Infante Santo e a Universidade Católica Portuguesa, apoiados financeiramente pela Fundação Calouste Gulbenkian, visou promover as bases para a emergência de uma língua gestual para os surdos santomenses, através de um grupo piloto inicial de 100 participantes.

Foi objetivo deste projeto promover um encontro sistemático (diário) entre surdos (crianças e jovens) durante umas horas por dia, de forma a garantir que estas crianças e jovens se pudessem conhecer e conviver e, em conjunto, com uma monitora surda experiente ir fomentando uma língua gestual comum.

Também foi definido como objetivo decorrente do primeiro, recolher um vocabulário gestual comum, emergente deste grupo piloto, de forma a que pudesse ser divulgado de maneira mais ampla pelos restantes surdos

das ilhas e, sobretudo, que pudesse ser futuramente utilizado em contexto escolar.

Foram primeiramente lidos e discutidos pela equipa toda (Governo de São Tomé, ONG no terreno, Marquês de Valle-Flôr, Hospital CUF Infante Santo e equipa técnica da Universidade Católica Portuguesa) alguns relatos (em artigos e capítulos de livros) sobre línguas gestuais emergentes (entre estes, Senghas, Coppola, Newport & Supalla 1997; Meir, Sandler, Padden, & Aronoff, 2010). Essa experiência levou a um melhor entendimento do fenómeno de emergência linguística, no caso da modalidade gestual. Neste sentido, foi feita a opção de reunir os surdos num espaço comum, à semelhança daquilo que aconteceu com a Lengua de Señas de Nicarágua (NSL) e que pareceu ser uma solução adequada para os santomenses, já que os mesmos se encontravam dispersos geograficamente pelas ilhas.

Por não ser possível o internato das crianças e jovens surdos (como aconteceu na Nicarágua), por falta de meios logísticos e financeiros, optou-se por encontrar um espaço comum onde os participantes surdos se pudessem encontrar diariamente, durante os dois anos em que decorreu o projeto.

Foi definido pela equipa como objetivo não “ensinar” uma língua gestual pré-existente, como, por exemplo, a Língua Gestual Portuguesa, língua materna da monitora surda. Esta escolha teve por base a vontade da equipa de não impor uma língua já existente e estruturada, com uma cultura e história próprias (Carvalho, 2009; 2011) e antes fazer dos participantes atores e construtores da sua própria língua.

Pensamos que a política linguística não invasiva, por um lado, a descoberta dos “outros surdos” enquanto pares, por outro lado, e ainda a possibilidade real de utilizarem entre si uma língua comum contribuiriam para o *boom* linguístico a que a se assistiu em dois anos de projeto.

Não serão objeto deste artigo considerandos mais aprofundados sobre política linguística, nem se pretende tampouco fazer uma revisão sistemática sobre as várias opções de planificação e implementação linguística, já que o objetivo do projeto, nesses dois anos, foi o de apoiar a reunião de indivíduos surdos de forma a que pudessem, no seu tempo, ir criando as bases estruturais que levaram à emergência de uma língua natural gestual.

2.2. Amostra

Na impossibilidade logística, financeira e temporal de englobar, neste projeto, todos os surdos santomenses, que rondam os 5000 indivíduos, tendo em conta os vários graus de surdez (ligeira, moderada, severa e profunda), a equipa optou por trabalhar com um grupo piloto só com surdos profundos e com idades jovens. A escolha dos participantes deste grupo piloto foi feita com base no levantamento realizado pela equipa de otorrinolaringologia do Hospital CUF Infante Santo (grau de surdez) e ainda nos dados fornecidos pelo Governo de São Tomé e Príncipe (Ministério da Educação, Cultura e Ciência). Foram, assim, escolhidos os surdos com surdez profunda, sendo estes crianças e jovens que não frequentavam a escola, por serem surdos e os professores não conseguirem ensinar estes indivíduos, visto não existir uma língua comum.

Neste grupo selecionado foram feitos, por uma missão de psicólogas experientes, testes de natureza cognitiva não-verbal (matrizes de Raven e teste da figura humana) que permitiram perceber se os indivíduos eram apenas surdos ou se tinham co-morbilidades de natureza cognitiva que impedissem uma aquisição natural da linguagem. Na amostra testada, todos os indivíduos revelaram uma inteligência não-verbal média ou acima da média.

O número de participantes foi de 100. Todos os participantes tinham idades compreendidas entre os 4 e os 25 anos (sexos feminino e masculino) e não frequentavam a escola, pelos motivos já expostos, não sabendo, portanto, ler nem escrever.

Todos eles pertenciam a famílias numerosas (com fratrias iguais ou superiores a quatro irmãos por família) e poucos deles (apenas dois participantes) tinham irmãos surdos. As famílias destes participantes são alargadas, englobando não só o núcleo pai e mãe (muitos deles só a mãe biológica), mas também avós, tios, primos e meios-irmãos.

No que concerne o ambiente linguístico das famílias dos participantes surdos, o mesmo era caracterizado por uma utilização maioritária, em casa, do Foro (um dos crioulos de São Tomé)², e, na escola (irmãos dos participantes e interações entre família e escola), do português. Estes dados

² O que coincide com os dados do Projeto do CLUL, VAPOR (<http://www.clul.ul.pt/resources/184-vapor-african-varieties-of-portuguese>) onde o Foro é tido como o crioulo santomense mais falado.

foram recolhidos através de questionário oral às famílias dos participantes.

A par do ambiente linguístico foram também observadas as condições de socialização dos surdos nas suas famílias, primeiro através do mesmo questionário e depois através de visitas pontuais mas sistemáticas, ao longo dos dois anos de projeto, às famílias. Neste sentido, foi apurado que os membros surdos das famílias, participantes no grupo piloto, não mantinham grande interação comunicativa com os restantes membros da família. No caso dos participantes surdos com irmãos surdos (2 casos), os mesmos desenvolveram entre si uma comunicação gestual. Nos restantes casos, a interação era feita através de gestos pactuados para cobrirem as necessidades de comunicação diárias. Também é de referir que os surdos não se conheciam entre si³ antes de se encontrarem através do projeto.

2.3. Calendarização e tipologia das atividades

O projeto *Sem Barreiras*, com o grupo piloto acima descrito, decorreu entre fevereiro de 2013 e fevereiro de 2015.

Tendo sido o projeto desenhado anteriormente à sua data de início e financiamento, várias etapas e atividades foram percorridas, nesses dois anos, nomeadamente:

- Seleção final da amostra de participantes (a amostra foi pensada antes de fevereiro, mas só no início do projeto é que se escolheu os participantes definitivos do grupo piloto);
- Sessões diárias de contacto linguístico ao longo dos dois anos de projeto (com paragens de duas semanas no Natal e na Páscoa e paragem de um mês no verão);
- Sessões semanais de atividades conjuntas (idas ao mercado, praia, passeios) ao longo dos dois anos de projeto;
- Elaboração de um primeiro acervo de vocabulário gestual para ser dicionarizado e difundido posteriormente (o dicionário ficou concluído em 2014).

³ À exceção dos irmãos surdos mencionados.

Posteriormente e sem qualquer financiamento e fora do escopo temporal do projeto (2013-2015), parte dos dados linguísticos recolhidos (amostra de conveniência) foi analisada.

2.4. Métodos

Foram assegurados pelo financiamento obtido no projeto os meios de transporte necessários para que os participantes, dispersos geograficamente, pudessem participar diariamente nas atividades do projeto. Foi assegurada a permanência a tempo completo de uma monitora surda experiente em ensino de surdos e com o grau de Mestre, com a Língua Gestual Portuguesa (LGP) como língua materna. Foram asseguradas duas salas para que se pudessem desenrolar diariamente as sessões. Tanto da parte do Ministério da Educação, Cultura e Ciência como da parte dos restantes parceiros, o trabalho realizado foi atentamente seguido e monitorizado. Todos os materiais escolares e de recolha foram também assegurados pelo financiamento do projeto, assim como a edição do dicionário do primeiro vocabulário da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe.

Durante a manhã, os participantes mais novos encontravam-se todos os dias na sala de Santana para as sessões programadas. Nestas duas sessões matinais (entre as 8 e as 13h, com 2 intervalos), sendo a primeira sessão às 8h e a segunda às 10h30, acorriam cerca de 25 participantes em cada sessão. Estes participantes tinham idades compreendidas entre os 4 e 14 anos. À tarde (15-17h), havia uma sessão para os participantes mais velhos (a participante mais nova tinha 15 anos e o mais velho 24) em Bombom. Os participantes de Santana iam à tarde a Bombom para atividades extracurriculares, desenho e convivência e os de Bombom iam de manhã a Santana com o mesmo intuito. Desta forma, os espaços de recreio eram comuns e havia contacto entre os vários surdos, das diferentes idades inseridos no projeto.

A necessidade de organizar estas duas turmas deveu-se a critérios de idade (identificação entre pares) e também fruto das condições logísticas (não ser possível ter 100 participantes numa única sessão).

Aos fins de semana, sábado ou domingo, e a partir de abril de 2013, foram sendo organizadas várias iniciativas, nas quais os surdos mais novos

e os mais velhos se encontravam fora do espaço de sala para ir ao mercado, lavar roupa no rio, ir à praia ou passear em conjunto. Esses encontros eram promovidos pela monitora surda, que acompanhou semanalmente grande parte destas iniciativas (não podendo participar em todos). Todos estes encontros eram relatados na segunda-feira seguinte, ora de manhã, durante a sessão em Santana, ora de tarde, durante a sessão em Bombom.

As sessões em Santana e em Bombom estavam organizadas no sentido de elicitare gestos. A monitora surda ia utilizando cartões com imagens e os surdos em conjunto iam propondo gestos. Alguns eram gestos trazidos da comunicação em casa, os gestos caseiros (*home signs*), mas que, em conjunto com o grupo de surdos, iam sendo modificados em gestos comuns, geralmente diferentes dos gestos caseiros. Esses gestos pactuados entre os participantes eram depois utilizados na comunicação entre eles.

A monitora não utilizava a LGP e, quando precisava de interagir com os participantes, utilizava mímica. À medida que o vocabulário se foi consolidando, a própria monitora ia usando os gestos autóctones. Ainda assim, o contacto entre línguas, entre a língua emergente de São Tomé e Príncipe e a LGP, existiu. Durante um mês em 2013 e outro em 2014, a monitora surda teve a visita do seu marido e filho, ambos surdos e gestuantes nativos de LGP. O contacto do filho e do marido com os surdos santomenses e as atividades extracurriculares e de fim de semana levaram a algum contacto entre as duas línguas. Esse contacto natural e fruto da curiosidade dos surdos santomenses relativamente a uma outra língua gestual pode ter levado à evolução de alguns gestos para gestos mais semelhantes (fonologicamente) dos da LGP. Ainda assim e em termos de controlo deste contacto entre línguas, ao olharmos para os gestos da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe registados nos vídeos e frequentemente usados pelos seus utilizadores, verificamos que a maioria são gestos que não se assemelham ao acervo lexical da LGP e não sofreram assim nenhum processo de contaminação.

Os cartões com imagens utilizados foram os mesmos que se utilizam nas associações de surdos para ensinar língua gestual. Existem cartões com imagens de objetos (copo, cama, alimentos, transportes, etc...) e emoções (pessoas contentes, tristes, zangadas, etc.) e existem cartões com imagens sucessivas que contam histórias (ida à pesca, compras no supermercado,

cenar da vida doméstica, etc.). Numa primeira fase, foram usados apenas os cartões com imagens simples (objetos e emoções) e numa segunda fase foram usadas as histórias por imagens.

A partir de setembro de 2013, os participantes já possuíam um vocabulário notável e as sessões não consistiam apenas na mostra dos cartões, mas cada vez mais na exposição gestual da vida quotidiana (hábitos, família, etc.) dos surdos participantes.

Todas as sessões em sala foram filmadas e gravadas em vídeo com duas câmaras, de forma a cobrir visualmente e de forma sistemática os dois interlocutores surdos. Posteriormente, estas gravações eram colocadas numa base de dados que alberga este *corpus* na Universidade Católica Portuguesa e, mais tarde, alguns destes vídeos foram integralmente transcritos através do programa *Eudico Language Annotator*, doravante, ELAN⁴. Os outros vídeos não foram integralmente transcritos, mas todos eles foram vistos e em cada um foram recolhidas as informações necessárias, como, por exemplo, a frequência dos gestos.

Com base nas frequências mais altas de ocorrências dos gestos nos vídeos (dadas pelo ELAN) selecionaram-se os gestos que obtiveram uma maior frequência. Desta forma, chegámos a um primeiro passo daquilo que, nesta fase do projeto, seriam os gestos mais usados pelos participantes.

Neste primeiro momento (até ao final de 2014), o foco desta investigação foi lexical, já que o objetivo era dicionarizar os gestos comuns, mais frequentes e mais consolidados para a posterior escolarização dos alunos surdos. O dicionário foi assim conseguido através desta seleção dos gestos mais usados ao longo do tempo pelos surdos (Carmo, Oliveira & Mineiro, 2014).

Num segundo momento e já fora do escopo temporal do projeto, a observação incidiu ao nível da estrutura frásica básica dos enunciados transcritos. Esta metodologia permitiu-nos fazer uma primeira análise linguística dos gestos e da gramática emergentes da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe que agora aqui apresentamos.

Ao longo do tempo em que o projeto piloto decorreu, o acervo lexical foi aumentando. No final de 2013, já existiam perto de 500 gestos usados

⁴ <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

por esta comunidade de surdos e, em julho de 2014, perto de 800 gestos foram reconhecidos pelos surdos gestuantes (através do visionamento dos vídeos das sessões), como gestos que utilizavam regularmente nas suas conversações.

Com o desenvolvimento do vocabulário, os gestos passaram a estar integrados em enunciados mais extensos como em conversas e diálogos gestuais sequenciais e sustentados no tempo.

Quais foram então as bases mínimas para que esta língua se diferenciasse dos gestos domésticos trazidos da convivência familiar entre os surdos e as suas famílias para o espaço de convivência gestuante no *Sem Barreiras*? Que tipo de características contêm os novos gestos desta nova língua? Iremos na próxima seção dar conta desse retrato.

3. O retrato da emergência dos primeiros gestos da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe

As características dos primeiros gestos da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe encontram-se circunscritas no tempo em que foi feita esta observação e têm fundamentalmente um valor descritivo, no sentido de documentar os primeiros gestos de uma língua nova. Temos a certeza de que o tempo e o desenvolvimento desta língua irão promover processos de simplificação de alguns gestos, assim como de modificação e substituição de outros. Só a história desta língua através das gerações de surdos poderá de futuro indicar o rumo da mesma.

Esta primeira análise baseou-se em 20% do *corpus* recolhido e integralmente transcrito a partir do ELAN. Esta amostragem de *corpus* para análise contém transcrições respeitantes às três fases do projeto, cada uma delas com um período de 8 meses: início (fevereiro 2013 a outubro de 2013), meio (novembro de 2013 a junho de 2014) e fim (julho de 2014 a fevereiro de 2015).

3.1. Natureza dos processos de criação dos primeiros gestos

A natureza visual da modalidade linguística visuo-gestual resulta numa abundância de redes e ligações entre a forma e o significado (Perniss,

Thompson & Vigliocco, 2010). Este facto promove uma maior prevalência da iconicidade (Taub, 2001), enquanto propriedade estruturante das línguas naquele que é o *continuum* da arbitrariedade linguística. As línguas gestuais mais antigas, como a American Sign Language (ASL) ou a Língua Gestual Portuguesa (LGP), socorrem-se menos de processos ancorados em iconicidade (e.g. a partir da forma do objeto/ação ou do seu movimento) e contêm, no seu léxico, gestos que, se outrora tiveram uma origem mais visual, foram-na perdendo, tornando-se, pela evolução da língua, gestos com maior arbitrariedade (e.g. CASA⁵ em LGP, que, antigamente, se gestuava como alguém que se encontrava à janela, e atualmente perdeu essa “ligação” e gestua-se apenas com a mão-dominante a bater no peito e não no braço). Ao invés desta situação de maior arbitrariedade nas línguas gestuais mais desenvolvidas, as línguas gestuais mais recentes, e sobretudo as emergentes, assentam a génese dos seus gestos em processos de metonímia ou sinédoque, revelando-nos a sua natureza icónica.

O papel da iconicidade enquanto formadora de unidades gestuais é bastante controverso nas línguas gestuais (Fischer & van der Hulst, 2011), muitas vezes por motivos de natureza política. Durante algumas décadas e a partir dos estudos de Stokoe (1960), foi necessário manifestar a paridade linguística entre línguas orais e línguas gestuais, tendo em conta que estas últimas não eram consideradas “verdadeiras” línguas mas sim sistemas de comunicação alternativos. Nesse sentido, a investigação pioneira em Neurolinguística levada a cabo por Klima & Bellugi (1975) foi abrindo um caminho que conduziu à comparação entre as línguas gestuais e as línguas orais, encontrando pontos de encontro de forma a demonstrar a natureza linguística das línguas gestuais. Fez assim parte destes estudos comparativos relegar o papel da iconicidade enquanto propriedade estruturante das línguas e assumir que os gestos das línguas gestuais são arbitrários (Amaral, Coutinho & Delgado-Martins, 1994). Os estudos sobre línguas gestuais foram progredindo e se, nas décadas dos anos 60 e 70 do século passado, importava provar a natureza linguística das línguas gestuais, hoje em dia, a mesma é comumente aceite. Tal facto liberta e conduz a investigação recente a tomar caminhos menos comparativos com as línguas orais e

⁵ Os gestos serão sempre transcritos neste artigo, à semelhança do que é comum nos artigos sobre línguas gestuais, em letras maiúsculas, simbolizando a glosa.

mais reveladores das particularidades desta modalidade, cuja forma de manifestação linguística é diferente da modalidade oral, tendo em conta as condições de receção linguística (os olhos) e os articuladores envolvidos na produção (as duas mãos e os elementos não manuais, assim como a expressão facial).

As línguas gestuais mais novas assentam a criação lexical na iconicidade enquanto catalisador preferencial para a formação de novas unidades gestuais. Este facto foi observado na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe.

O gesto de CABRA é feito através da visualização dos dois chifres deste animal, através de um processo lexicossemântico, a sinédoque, tal como o gesto VARRER é feito através do ato de “varrer”, um processo icónico de ação. Tais são apenas dois exemplos de uma enorme panóplia de gestos construídos através da “forma” do objeto ou do seu movimento.

No caso da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe e, num primeiro momento, 92% dos gestos pertencentes ao acervo “estabilizado” à data de análise (unidades gestuais utilizadas pelos gestuantes com maior frequência no total do *corpus* recolhido) assentou em processos que se baseiam na natureza icónica desta língua. Grande parte dos gestos é construída pelo processo lexicossemântico de sinédoque, como CÃO (gestuado como o focinho de um cão), GATO (gestuado como as garras do gato), LÁPIS (gestuado como um objeto estreito, comprido e afiado com o qual se escreve), CASA (gestuado como o telhado da casa), entre muitos outros que emergiram através de uma relação estreita entre a forma do objeto ou conceito e as suas características prototípicas mais salientes. A iconicidade também se encontra presente em verbos, como seja o verbo COMER, que é gestuado com a mão agarrando o alimento e levando o mesmo à boca, revelando um processo icónico de ação.

Apesar da origem icónica dos gestos, alguns deles foram evoluindo para outros gestos igualmente icónicos mas com características diferentes, designadamente, a incorporação de classificadores.

Os classificadores, sejam eles gestuais ou orais (Allan, 1977), são estruturas morfémicas. No caso dos classificadores das línguas gestuais, eles comportam-se como gestos plenos (item lexical composto de vários morfemas), ainda que não o sejam. Como função, os classificadores podem substituir, descrever, especificar e qualificar seres animados e inanimados

incorporando ações a esses referentes.

Tal como referem Nascimento & Correia (2011), morfologicamente, um classificador realiza-se tal como um gesto simples e submete-se às mesmas regras de construção de um gesto. É um tipo de morfema que contém uma grande densidade de informação semântica veiculada ou representada enquanto sintagma nominal ou sintagma verbal (Nascimento & Correia, 2011). As diversas configurações manuais das línguas gestuais irão determinar (Schembri, 1996) os referentes a serem “classificados”, sendo certo que as mesmas não constituem, por si só, nenhum classificador em particular. A nível sintático, os classificadores podem representar uma frase completa ou representá-la parcialmente (Tang, 2003) e, a nível semântico (Nascimento e Correia, 2011), a interpretação só é possível quando se articula com os outros parâmetros que constroem o gesto (e.g. movimento, direção, expressão e os componentes⁶ não-manuais).

Na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe, o gesto de PEIXE era executado no braço como “um peixe a ser escamado no mercado”. Tal gesto, assim produzido, remete-nos para um processo lexicosseântico (por metonímia). Este gesto evoluiu e as atestações encontradas no *corpus* recolhido revelam que, meses mais tarde, o gesto era executado pelo classificador que indica o movimento em ziguezague de “um peixe a nadar” através da mão dominante que executa esse movimento de “um peixe a nadar”. Neste caso, verificamos que se trata de um gesto construído por um processo que inclui um classificador verbal que incorpora o movimento num gesto que pretende representar um ser animado, o peixe.

Uma pequena parte dos gestos (12% do *corpus* analisado) é constituída por gestos que chegaram à Língua Gestual de São Tomé e Príncipe por via de empréstimo. A formadora surda que acompanhou o projeto teve um enorme cuidado em utilizar mímica com os surdos e não utilizar a sua língua materna, a LGP. Contudo, como já referido em 2.4., a convivência mais informal entre os surdos e a formadora e o seu marido e filho pequeno (também ambos surdos), que passaram um mês nas ilhas de São Tomé e Príncipe, pode ter levado a que os surdos santomenses captassem gestos da

⁶ Utilizo operativamente “componentes não-manuais” tal como mencionado em Amaral et al. (1994), sabendo que existe variação terminológica para este mesmo conceito, e que são por vezes utilizados os termos “elementos não-manuais” ou “articuladores não manuais”.

LGP e passassem a utilizar os mesmos em vez dos gestos endógenos da sua língua. O gesto de SORRIR, por exemplo, que originalmente era gestuado com as duas mãos e uma determinada configuração idêntica (em espelho) nas duas mãos, passou a ser gestuado como SORRIR em LGP (apenas com uma mão e um movimento). O mesmo se passou com os gestos CHOVER, LAVAR OS DENTES e outros gestos que passaram a ser gestuados de forma diferente da original, pelo contacto, ainda que efémero, entre as duas línguas.

3.2. Características fonológicas dos gestos emergentes

Os gestos da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe partilham as mesmas características universais dos gestos das outras línguas da mesma modalidade, ou seja, podem-se distinguir fonologicamente pelas suas características internas, tais como a *configuração*, a *localização* e o *movimento*, como categorias fonológicas principais (Sandler, 1989).

A configuração é a forma que a mão adquire quando se produz o gesto e inscreve-se, evidentemente, nos graus de liberdade anatómica da mão humana. A seleção dos dedos e a orientação do gesto fazem parte deste parâmetro da configuração. Algumas línguas têm mais configurações, outras menos. Para além da configuração manual e do facto de, nas línguas gestuais, coexistirem dois articuladores manuais - a mão dominante (M1) e a mão não dominante (M2) - existem outros parâmetros fonológicos como a localização do gesto, que é feita *no ponto de contacto* (cabeça, testa, têmporas, olho, nariz, bochecha, orelha, boca, lábio inferior, queixo, pescoço, ombro, esterno, tronco, meio-tronco, abdómen, braço, antebraço e perna⁷ (Amaral et al. 1994)) e no *modo de contacto* (alto, baixo, contralateral, distal, proximal, medial). O movimento do gesto, por sua vez, pode ser geral (em forma reta, oblíqua, em arco ou em círculo) ou interno, quando resulta da alteração da configuração e orientação durante o próprio gesto. Neste caso, o gesto pode assumir vários tipos de movimento, como sejam: dedilhar, enganchar, torcer ou friccionar (Mineiro & Colaço, 2010).

⁷ Para cada "ponto de contacto" existem subpontos de contacto. Por exemplo para o ponto de contacto "Testa" existem os subpontos "testa toda", "lado direito", "meio". Para uma descrição fonológica mais pormenorizada de todos os subpontos de contacto veja-se Amaral et al. (1994: 78).

Para além dos parâmetros articulatórios manuais, existem ainda os componentes não manuais (face, tronco, braços, pernas) que estão presentes em muitos gestos das línguas gestuais. A expressão facial também é determinante, consoante as línguas gestuais, no que respeita à fonologia das línguas desta modalidade. Em Língua Gestual Portuguesa (LGP), a expressão facial é responsável por gestos que constituem pares mínimos (Mineiro & Colaço, 2010, Morais *et al.* 2011), sendo assim um parâmetro fonológico fundamental nesta língua.

Os parâmetros como a configuração que a mão adquire para executar o gesto, a escolha dos dedos, a orientação do gesto e o movimento estão presentes em todos os gestos na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe. Embora não tenha sido observada nenhuma configuração mais frequente, foi observada, para executar os gestos, uma utilização das duas mãos mais frequente do que habitual noutras línguas gestuais mais antigas. No início, parece não existir uma escolha entre a mão dominante (M1) e a mão não dominante (M2). Progressivamente, alguns gestos, ao longo destes dois anos, foram evoluindo e das duas mãos e da ocupação de um espaço gestuante maior, passou-se a utilizar um espaço menor, mais económico e o gesto passou a ser executado com apenas uma mão, a mão dominante (M1). Foi o caso do gesto AVIÃO, que era executado com os dois braços e as duas mãos e que passou a ser executado com apenas uma mão e num espaço mais restrito. Eventualmente poderá ter havido influência da LGP na evolução deste gesto, já que em LGP AVIÃO se gestua com apenas uma mão.

Também a utilização da expressão facial é fundamental nesta fonologia emergente, sendo que os gestos são executados, muitas vezes, acompanhados de uma nítida expressão facial. Esta serve para a marcação de interrogativas, tal como nas línguas gestuais mais consolidadas (e.g. American Sign Language, ASL). No caso da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe, o gesto PERGUNTAR é executado através de expressão facial e de um (quase) impercetível movimento⁸ de inclinação para a frente da cabeça. Interessantemente, este facto foi observado em estádios iniciais de outras línguas gestuais emergentes, nomeadamente na Israeli Sign Language, ISL (Meir & Sandler, 2008). A expressão facial serve também para reforçar ou

⁸ Visualizado no corpus recolhido.

intensificar alguns gestos nos diálogos entre surdos, tendo um valor paralelo ao da entoação nas línguas orais. Quando, por exemplo, os gestuantes querem manifestar um SIM mais veemente (gesto que é executado com a cabeça para a frente em dois movimentos), a expressão facial (através do franzir da testa) acompanha o gesto de SIM.

Sob o ponto de vista fonológico, há ainda um padrão regular de maior envolvimento dos articuladores não manuais, como sejam as pernas, os braços, o tronco, os ombros, a face, padrão esse que também foi encontrado em fases iniciais na emergência da ISL (Meir & Sandler, 2008). Por exemplo, o gesto de FUTEBOL é articulado com a perna e não no espaço sintático mais restrito, à frente do gestuante, e de forma manual, através de classificador ou ainda de um gesto criado manualmente para futebol. O mesmo se passa com BICICLETA, articulado com as duas pernas, numa fase inicial, e que passa a ser articulado com as duas mãos, em espelho, na fase final do projeto.

3.3. A emergência da morfologia e da sintaxe

A morfologia da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe exhibe alguns princípios da morfologia das línguas em geral, ainda que, pelo facto de ser uma língua emergente, não possua um sistema morfológico desenvolvido com processos flexionais, por um lado, e processos derivacionais e composicionais consolidados, por outro lado. Foi observada, ainda assim, alguma tendência para processos composicionais nos gestos. As línguas emergentes já documentadas mostram-nos que os processos gramaticais não se materializam subitamente e que é necessário tempo e gerações de gestuantes para que os mesmos se materializem (Meir, Sandler, Padden & Aronoff, 2010).

No *corpus* analisado, verificámos, por exemplo, que a Língua Gestual de São Tomé e Príncipe não tem, para já, processos flexionais. Tal como estudado em Sandler & Lillo Martin (2006), as línguas gestuais exibem processos de flexão que se desdobram na flexão verbal, que, no caso das línguas gestuais, pode revelar a concordância em número e o aspeto (Sandler & Lillo Martin, 2006), e na flexão nominal, que marca o plural (Sandler & Lillo Martin, 2006). Não encontramos para já, nesta língua, marcadores de flexão. Tal como referem Meir, Sandler, Padden & Aronoff (2010), nas línguas gestuais

emergentes não se encontram processos flexionais, ainda que exista um processo morfológico prevalente: a composição. Os autores atrás referidos acreditam que o processo de composição revela uma estratégia gramatical básica de extensão de vocabulário, que é utilizada desde cedo nas línguas emergentes e à qual é dada um uso extensivo.

Esta observação de Meir & Sandler, Padden & Aronoff (2010) coincide com o que foi observado na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe, pois detetámos, no *corpus* analisado, o processo de formação de gestos a partir de gestos pré-existentes na língua, ou seja, através de composição. Encontramos gestos formados através de dois gestos pré-existentes como QUARTO-DE-BANHO (QUARTO + BANHO), BANANEIRA (BANANA + ARVÓRE), RAPARIGA (MULHER + CRIANÇA).

Por outro lado, a língua exhibe, desde cedo, uma interessante característica de pronominalização (e.g. *eu, tu, ele, nós, vós, eles*), através do “apontamento” próprio das línguas gestuais, dentro do espaço sintático, o que também é reportado nos estádios iniciais na aquisição da linguagem pelas crianças surdas.

A sintaxe da Língua Gestual de São Tomé e Príncipe permite maioritariamente uma ordem OSV, como em PRATOS EU LAVO ou PEIXE EU NÃO VI. O objeto (O) encontra-se em relevo, seguindo-se o sujeito (S) e o verbo (V). Esta estrutura é, no *corpus* analisado, maioritária, obtendo uma percentagem de 66% das frases. Será que podemos falar de topicalização com uma estrutura profunda SVO, à semelhança das recentes descobertas da ordem básica da frase para a LGP (Bettencourt, 2015; Choupina, Brito & Bettencourt, 2015)? Só uma análise cuidada e total do *corpus* existente e o tempo que irá decorrer sobre esta língua poderão determinar as tendências emergentes e a evolução da estrutura frásica, assim como a possibilidade da estrutura inicial observada se manter ou evoluir para uma estrutura de (eventual) contaminação com a ordem canónica da língua portuguesa, língua circundante usada em São Tomé e Príncipe. Tal “contaminação” não será certamente um caminho coercivo, já que línguas como a Al Sayyid Bedouin Sign Language (ABSL) conservaram estruturas consolidadas na segunda geração de gestuantes, a estrutura SOV, nada concomitante com a estrutura SVO do árabe, língua da comunidade ouvinte envolvente.

Estudos sobre as línguas emergentes alertam-nos para o facto de a sintaxe

se encontrar, numa primeira fase, simplificada. Encontrámos esse padrão na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe. Quando os gestuantes desta língua precisaram de produzir enunciados com mais do que um argumento nominal fizeram-no separando o enunciado em duas partes. Por exemplo, em MÃE DÁ A CRIANÇA, o enunciado foi repartido em MÃE DÁ – CRIANÇA RECEBE; portanto, dividido em enunciados produzidos sequencialmente. A estratégia de desdobramento dos enunciados é muito comum nas línguas gestuais, correspondendo ao fenómeno de *split sentence constructions* (Padden, 1988, 1990, Quadros & Karnopp, 2004).

A complexidade linguística leva tempo a desenvolver-se numa língua. Tal como referem Meir, Sandler, Padden & Aronoff (2010), na sua revisão extensiva sobre línguas gestuais emergentes, as línguas emergentes não se “materializam” subitamente, exibindo, *ab initio*, processos sintáticos completos e morfologia flexional (Meir, Sandler, Padden & Aronoff, 2010). É necessário tempo para que a língua vá construindo caminhos de complexidade linguística reveladores de uma gramática e cujas estruturas vão variando ao longo do tempo.

4. Um ADN linguístico partilhado por outras línguas emergentes?

Quando os surdos santomenses se conheceram e começaram a ter um convívio regular, os gestos entre eles emergiram de forma pactuada. Muitos destes participantes, crianças e jovens, já traziam para o espaço comum os gestos caseiros, que representavam os códigos de comunicação entre eles e as suas famílias.

Alguns destes gestos, como, por exemplo, COMER, seriam (eventualmente) iguais ou parecidos entre as várias famílias, dadas as suas características pantomímicas. Como diz Vilhalva (2009), a propósito do estudo que elaborou sobre as comunidades linguísticas surdas indígenas de Mato Grosso, a comunicação através dos gestos “caseiros” (*home signs*) é apenas o ponto inicial para a emergência de uma nova língua. Ressalta-se, todavia, que uma nova língua só existe a partir do momento em que é estabelecido um “agrupamento comunitário”, pois antes disso o surdo não dispõe de um sistema gestual linguisticamente organizado (Sacks, 1989).

Neste caso, o registo e a análise só foi feito a partir do momento em que

se agruparam surdos oriundos de várias partes da ilha de S. Tomé e da ilha de Príncipe.

Nesse sentido, os gestos analisados refletem esse percurso comunitário no sentido de estabelecer um léxico comum e uma gramática básica. Alguns dos caminhos escolhidos pela Língua Gestual de São Tomé e Príncipe refletem a “universalidade” das escolhas linguísticas das línguas gestuais emergentes, em estádios iniciais. Tal “universalidade” reflete-se nos aspetos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

5. Notas conclusivas

Na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe, à semelhança do que ocorreu nas primeiras produções fonológicas em ISL, foi demonstrado um maior envolvimento dos componentes não manuais (tronco, cabeça, braços e pernas) na produção de gestos, como, por exemplo, FUTEBOL, articulado numa fase inicial com as duas pernas (Meir & Sandler, 2008). Na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe, os gestos de FUTEBOL e BICICLETA são articulados, numa fase inicial, com as pernas e AVIÃO com os dois braços.

No que respeita à morfologia emergente, na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe não foram encontrados processos flexionais, o que está de acordo com outras línguas emergentes como a ABSL, tal como estudado por Meir, Sandler, Padden & Aronoff (2010). Existem alguns pronomes (pessoais e possessivos) à semelhança de outras línguas gestuais emergentes e os mesmos ancoram-se no princípio do “apontar com o dedo”. Esta característica do “apontar” para designar pronomes e entidades (indivíduos ou objetos numa narrativa) é muito comum nas línguas gestuais em todo o mundo e podemos mesmo dizer que se trata de uma característica universal, sendo que a mesma se encontra presente *ab initio* da emergência linguística.

Na construção de gestos emergentes, tanto as características de iconicidade (Taub, 2001) como as características de composicionalidade que foram encontradas na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe estão omnipresentes nas línguas gestuais do mundo e em línguas emergentes estudadas, como a ISL (Aronoff, Meir, Padden & Sandler, 2008).

As línguas gestuais emergentes têm tendência para simplificar a sintaxe (Meir, Sandler, Padden & Aronoff 2010) e em enunciados que exigem mais

do que um argumento (PAI BATE – CRIANÇA DÓI), a tendência é existirem dois enunciados menores e “autónomos” e não uma frase complexa. Na Língua Gestual de São Tomé e Príncipe esta tendência foi observada, tal como também foi reportada nos estudos sobre a Lengua de Señas do Nicarágua (NSL) por Senghas *et al.*(1997).

A Língua Gestual de São Tomé e Príncipe surgiu a partir da criação das bases linguísticas para a emergência de uma nova língua, de modalidade gestual, para as crianças surdas e isoladas nestas duas ilhas. Crescer privado de interação comunicativa é uma experiência desumana, pois é certo que socializar é uma das mais marcantes características da nossa espécie. As crianças surdas em São Tomé e Príncipe viveram isoladas e envergonhadas da sua condição biológica. Ao estudar a língua que desenvolveram quando se encontraram “sem barreiras”, podemos possivelmente aprender e melhor compreender os mecanismos universais das línguas e das pessoas que as falam ou gestuam. Ficamos, porém, e desde já, com a certeza que ao juntarmos os seres humanos num espaço comum, estes vão criar uma “comunidade linguística” e conseqüentemente uma língua comum. E tal acontece à margem de modelos culturais e das línguas pré-existentes, ainda que existam universalidades incontornáveis quando as analisamos comparativamente.

REFERÊNCIAS

- Allan, Keith. 1977. Classifiers. *Language*, 53, 284-310.
- Amaral, Maria Augusta, Coutinho, Amândio, Delgado Martins, Raquel.1994. *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- Aronoff, Mark, Meir, Irit, Padden, Carol A. & Sandler, Wendy. 2008. The roots of linguistic organization in a new language. *Interaction Studies: Special Issue on Holophrasis vs Compositionality in the Emergence of Protolanguage*, 9 (1), 131-150.
- Bettencourt, Fernanda. 2015. *A ordem das palavras na Língua Gestual Portuguesa: Breve estudo comparativo com o português e outras línguas gestuais*, Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP.
- Carmo, Patrícia, Oliveira, Ricardo & Mineiro, Ana. 2014. *Dicionário da Língua Gestual*

- de São Tomé e Príncipe – Dicionário Oficial da República Democrática de São Tomé e Príncipe*, Lisboa: UC Editora.
- Carvalho, Paulo. 2009. *História da Educação de Surdos*, I, Lisboa: UC Editora.
- Carvalho, Paulo. 2011. *História da Educação de Surdos*, II, Lisboa: UC Editora.
- Choupina, Celda, Brito, Ana Maria & Bettencourt, Fernanda. 2015. Morphosyntax of Ditransitive constructions with the verb DAR, 'to give' in Portuguese Sign Language, comunicação apresentada no *First Meeting on Morphosyntax of Portuguese Sign Language and other Sign Languages*, Porto (neste volume).
- Fischer, Susan, D. & van der Hulst, Harry. 2011. Sign Language Structures. In Mark Marschark Patricia Elizabeth Spencer (Eds.). *The Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education*, Volume 1, 2nd Edition, 336-349. Oxford: Oxford University Press.
- Klima, Edward, Bellugi, Ursula (1975) *The Signs of Language*, Harvard University Press, Boston.
- Meir, Irit & Sandler, Wendy. 2008. *A language in space. The story of Israeli Sign Language*. New York, NY: Lawrence Erlbaum.
- Meir, Irit, Sandler, Wendy, Padden, Carol & Aronoff, Mark. 2010. Emerging Sign Languages. In Mark Marschark & Patricia Elizabeth Spencer (Eds.). *The Oxford Handbook of Deaf Studies, Language and Education*, Volume 2, 267-280. Oxford: Oxford University Press.
- Mineiro, Ana, Colaço, Dora. 2010. *Introdução à Fonética e Fonologia na LGP e na Língua Portuguesa*, UC Editora: Lisboa.
- Morais, Amílcar, Champalimaud Jardim, João, Silva, Ana & Mineiro, Ana. 2011. Para além das mãos: elementos para o estudo da expressão facial em Língua Gestual Portuguesa, *Cadernos de Saúde*, 1, vol 4, 37-42.
- Nascimento, Sandra Faria, Correia, Margarita. 2011. *Um olhar sobre a morfologia dos gestos*, UC Editora: Lisboa.
- Padden, Carol. 1988. Grammatical theory and signed languages. In F. Newmeyer (Ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey* (Vol. II). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Padden, Carol. 1990. The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In C. Lucas (ed.) *Proceedings of the second International Conference on Theoretical Issues in Sign Language research*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 118-132.
- Perniss, Pamela, Thompson, Robin. L. & Vigliocco, Gabriella. 2010. Iconicity as a General Property of Language: Evidence from Spoken and Signed Languages. *Frontiers in Psychology*, 1, 1-15.

- Quadros, Ronice M. de & Karnopp, Lodenir B. 2004. *Língua de sinais brasileira. Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Sacks, Oliver. 1989. *Seeing Voices*, New York: Vintage Books.
- Sandler, Wendy. 1989. *Phonological Representation of the Sign: linearity and non-linearity in American sign Language*, Foris: Dordrecht.
- Sandler, Wendy & Lillo-Martin, Diane. 2006. *Sign Language and Linguistic Universals*, Cambridge University Press: Cambridge.
- Schembri, Adam. 1996. *The structure and formation of signs in Auslan (Australian Sign Language)*. Sidney: North Rocks Press.
- Senghas, Ann, Coppola, Marie, Newport, Elissa & Supalla, Ted. 1997. Argument structure in Nicaraguan Sign Language: the emergence of grammatical devices. In Elizabeth Hughes, Mary Hughes & Annabel Greenhill (Eds.), *The Proceedings of the Boston University conference on language development*. Boston, MA: Cascadilla Press, 550-561.
- Stokoe, William. 1960. Sign Language Structure. An outline of the visual communication system of American deaf. *Studies in Linguistics*. Occasional Papers, 8, University of Buffalo: Buffalo, N.Y.
- Tang, Gladys. 2003. Verbs of Motion and location in Hong Kong Sign Language: Conflation and Lexicalization In Emmorey, Karen (Ed). *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*, Lawrence Earlbaum Associates, N.J.
- Taub, Sarah. F. 2001. *Language from the Body - Iconicity and Metaphor in American Sign Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Vilhalva, Shirley. 2009. *Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: um estudo sobre as comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.